



cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.^o
N.º 34

Preço
1\$00

A
Companhia Cinematográfica
de Portugal

vai apresentar brevemente no Cinema

R I V O L I

a excelente película

A CONDESSA
DE MONTE-CRISTO

notável criação de

BRIGITTE HELM e RUDOLF FORSTER

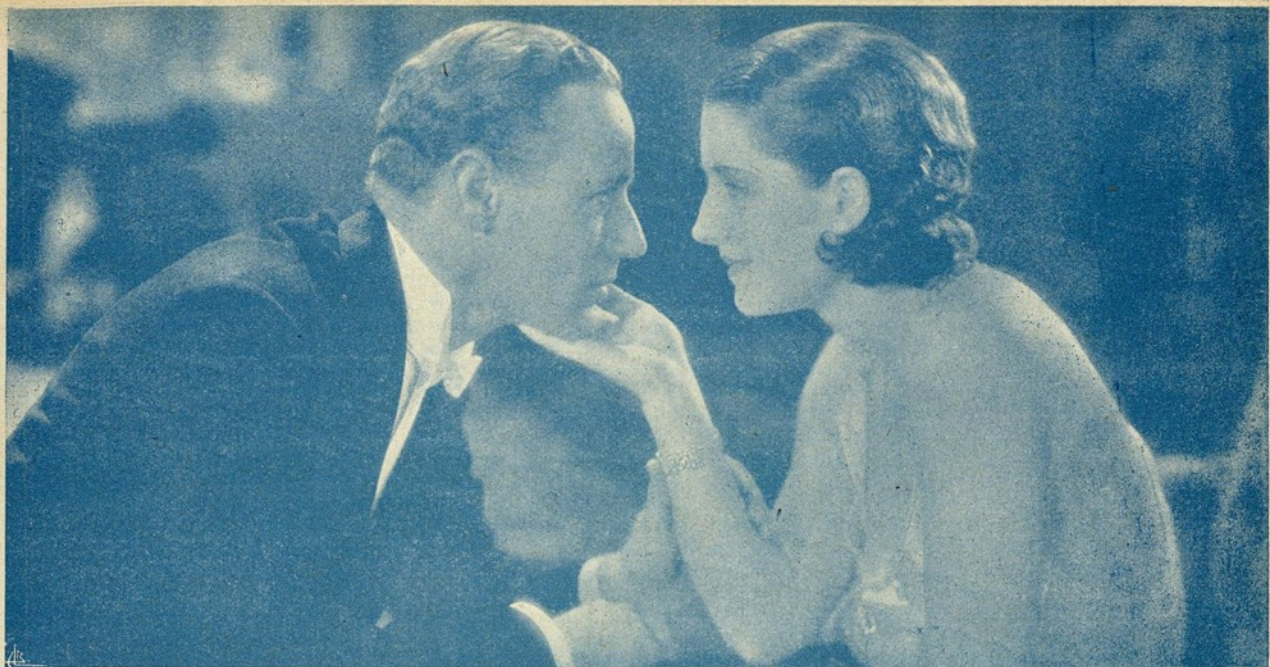
Realização de KARL HARTL



Brevemente a

Companhia Cinematográfica de Portugal

**apresentará uma lista de grandiosas produções
a distribuir nesta temporada.**



Norma Shearer está cada vez mais bonita. Cada vez melhor atriz. Vocês vão vê-la em "Uma Alma Livre", com o Leslie Howard, (que aqui vemos numa cena da fita), o Clark Gable e o formidável Lionel Barrymore!

O Cantinho dum Cinéfilo

A «Tobis Portuguesa» — passemos a chamar assim à «Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm» — pensa, por sugestão dos colegas «Imagem» e «Notícias Ilustrado», organizar um curso cinematográfico «afim de que os amadores cinematográficos portugueses e aqueles que desejem dedicar-se ao cinema recebam alguma instrução especializada que facilite os seus trabalhos na arte cinematográfica...».

Eu tenho sido, por princípio, contrário às escolas ou cursos cinematográficos, porque tenho lido muito do que lá fóra se tem feito sobre o assunto, e, como tal, reconheço que os resultados até hoje conseguidos não passam, em geral, do seguinte: Cada aluno ser transformado numa vítima, porque sempre os tais professores exigem uns tantos francos ou dólares adiantados, depois mais umas centenas para o aluno entrar num hipotético filme... e depois a escola fecha e o aluno vai queixar-se à polícia. Eis um resumo do que vinha acontecendo lá fóra, até que a imprensa chamou insistentemente para o assunto a atenção do público e das autoridades.

Isto não quer dizer, nem com a mais leve sombra de relação, que a gente da «Tobis Portuguesa» e os camaradas muito ilustres que sugeriram a criação do curso possam enveredar pelo mesmo caminho! Nada disso! E' que, com o começo da produção fonofilmica em Portugal, não faltarão, de-certo, pelas mezas dos cafés ou por pequenos anúncios escondidos nas páginas dos diários — são sempre pequenos e semi secretos os tais anúncios — os mestres alquimistas que se propõem fabricar artistas de cinema...

Esta referência ligeira que acabo de fazer sobre a vigarice das escolas de cinema em geral é um aviso ao público, uma precaução para os leitores, em face de tais possíveis casos.

O caso da «Tobis Portuguesa», porém é um caso especial, muito diferente, sem qualquer relação com o que acabo de expôr. Os nomes das pessoas que estão à sua frente, os dos camaradas da «Imagem» e «Notícias Ilustrado», o texto da circular que enviaram às publicações de cinema, convidando-as a uma reunião em Lisboa, para uma discussão sobre o assunto, texto que diz... «os próprios jornais que alvitram esta idéia manifestaram o melhor interesse em pedir a colaboração de todos os jornalistas e técnicos de cinema, fazendo dela uma idéia de utilidade comum e de interesse mútuo, que deve partir e ser orientada, não por dois, mas por todos os jornais de cinema, aos quais se deve em grande parte, o interesse que o público manifesta pelo cinema nacional», tudo, enfim, mostra

uma grande seriedade, uma honestidade de que ninguém pode duvidar. Merece a confiança de todos nós, merece ser encarado com a melhor atenção.

■ ■ ■

E' um facto que um artista de cinema não se fabrica. Não se faz numa escola. Mas pode revelar-se. E são essas revelações que a «Tobis Portuguesa» procurará, de-certo, conhecer e educar.

Em meu entender — e aí vão algumas das minhas impressões que a impossibilidade de me deslocar neste momento a Lisboa não permitiram apresentar na: tal reunião — deve ser essa a missão do curso cinematográfico — procurar, entre os que o seguem, as revelações que possam ser aproveitadas. Mas é preciso afirmar bem alto esse objectivo, não vão os que se inscreverem supôr que entram para lá costureirinhas do Granelo ou estudantes do liceu, e saem de lá todas Joans Crawfords ou todos Henrys-Garats...

Esse curso, além de procurar iniciar os que mostrassem aptidões, deveria também, no interesse da «Tobis Portuguesa», tomar um aspecto conjunto de *Casting Department* e de *Stock Company*. Na primeira destas secções ficariam inscritos todos os possíveis, com todas as fotografias, habilitações, indicações necessárias, de modo a poderem ser utilizados em bits, ou papéis secundários, mas já exigindo certos requisitos que não são precisos nos extras; na segunda, por assim dizer, uma sequência da primeira, peneirada, seleccionada, ficariam os prováveis os que mais se evidenciassem, os possíveis de mais aproveitáveis qualidades, que seriam a matéria prima permanente ao serviço da Empresa. Da *Stock Company* da «Paramount», saíram artistas como Fay Wray, Richard Dix e Charles Rogers. Da *Stock Company* da «Tobis Portuguesa», quem sabe se não sairão as nossas Lillians Harveys e os nossos Clark Gables!...

Nestas condições, «Cinema» dá todo o seu apoio à criação dum curso cinematográfico, não apenas patrocinado, mas dirigido pela «Tobis Portuguesa» e a seu inteiro cargo. Isso demonstrará apenas que a nova empresa está trilhando um caminho muito direito, o caminho mais seguro para a vitória, aquele a que já nestas colunas me tenho referido, como base de todo o triunfo — *or-ga-ni-za-ção*.

E assim continuando a caminhar, muito há que esperar da «Tobis Portuguesa».

Três Irmãos que fazem tremer todos os encenadores de Hollywood

Quando Irving Thalberg resolveu que Greta Garbo, Joan Crawford, John e Lionel Barrymore, Lewis Stone, Jean Hersholt e outras celebridades trabalhariam juntas em «Grand Hotel», toda a gente se compadeceu do director Edmund Goulding, que, além de ter de haver-se com os dois irmãos Barrymore, tinha de harmonizar na produção Greta Garbo com Joan Crawford, sem beliscar os seus respectivos melindres.

O trabalho de Goulding passou à história. Não houve um único ente em toda Hollywood, por mais empedernido que tivesse o coração, que não lamentasse a sorte do pobre director, nem que deixasse de sentir um certo alívio quando o filme atingiu o seu fim.

Já se haviam acalmado os ânimos, quando Thalberg concebeu uma outra idéa. Dar nova vida a «Rapustin» com os três irmãos Barrymore como protagonistas. Lionel no papel do famoso e maldito monge, John no de príncipe Paul e Ethel no da tsarina.

Lionel, quando teve conhecimento da formidável notícia, confessou compungidamente que se «compadecia do pobre diabo que tinha de dirigir a película».

Desta vez não era preciso um domador de leões, mas sim um diplomata. O problema consistia em convencer os Barrymore de que deviam esquecer os laços de sangue.

Lionel discutiu o assunto com Thalberg e ambos convieram em que Charles Brabin era o homem mais indicado para deslindar o caso.

O mais velho dos Barrymore tinha confiança no seu eleito, porque durante a filmagem de «Washington Masquerade» havia tido ocasião de avaliar a paciência de Brabin. Lionel tinha o maldito defeito de adormecer durante os intervalos das cenas e por umas poucas de vezes que deixou de acudir

ao «set» quando o director lhe fazia sinal. Brabin fingia então que não se apercebera de nada e avisava-o novamente com a mais absoluta tranquilidade.

O primeiro dia de filmagem chegou ao seu termo sem que se houvesse produzido o menor incidente desagradável. O segundo já não foi tam afortunado. Ethel tinha de estar ajoelhada longo tempo, movendo os lábios como se pedisse a Deus a salvação de seu filho, que parecia irremediavelmente condenado a morrer. Nenhuma palavra deveria sair dos seus lábios. Estes deviam mover-se em muda prece para que o efeito fôsse mais emocionante. Ninguém ousou falar durante aqueles momentos. Mas, quando o silêncio era absoluto, ouviu-se subitamente a voz de um homem. Ethel continuou movendo os lábios, mas não em silêncio. Os seus gestos em nada indicavam o estado em que se encontrava. Continuou de joelhos e em atitude biática, mas, em vez de prosseguir na muda oração, obsequiou o inoportuno falador com um discurso que o fez corar de vergonha.

O falador fôra seu irmão Lionel.

Brabin fingiu não notar nada.

Poucos dias depois permitiu-se o luxo de «dar uma indicação» a Ethel. «Peço-lhe que não faça assim. Olhe, assim estaria melhor».

Ethel fez de conta que não ouviu e continuou imperturbável. Brabin advertiu-a de que não podia fotografar bem, mas ela insistiu em que a tsarina (que conhecera pouco antes do triste sucesso) teria feito «assim», como ela estava fazendo. E os esforços de Brabin para a convencer resultaram inuteis.

Eoi grande o assombro em Hollywood quando, dias depois, se soube que Brabin, o Job dos directores cinematográficos, recusava seguir avante.

A direcção da «Metro» exasperou-

-se. Qual seria o homem capaz de continuar a dirigir os três irmãos Barrymore?

Ninguém respondeu à chamada. Todos sentiam que não deviam recusar a honra de dirigir os Barrymore na primeira película que faziam juntos. Mas, se Brabin havia fracassado na empresa, ¿que esperança de triunfo podia restar-lhes? E o certo é que nenhum director «estava visível» quando o estúdio lhe mandava aviso para comparecer e proceder a um ensaio directivo de «Rapustin».

Mas como, neste mundo, tudo tem solução, mesmo os mais complicados assuntos, apareceu finalmente um salvador: o eslavo Richard Boleslavsky, que conseguiu dobrar o «Cabo das Tormentas», levando ao fim «Rapustin».

Clara Bow contra Thelma Todd

Na fita «Call Her Savage» («Sangue Vermelho»), que a «Fox» está produzindo, há uma cena de pugilato entre Clara Bow e a sua rival Thelma Todd, que foi filmada há dias e que resultou primoroso, segundo as noticias recém-chegadas de Hollywood.

«Sangue Vermelho», que marca o regresso de Clara Bow ao cinema, tem como outros intérpretes Gilbert Roland e Estelle Taylor.

A próxima fita de Mary Pickford

A «United Artists» anuncia que a próxima fita de Mary Pickford levará o título «Yes, John», tirada da peça teatral «Secrets».

Frances Morion escreveu o cenário de «Yes, John», se será dirigida por Franck Borzage.

Os irmãos de Mata-Hari perdem a questão com a «M-G-M»

Os irmãos de Mata-Hari, residentes na Holanda, processaram a «M-G-M», pretendendo que fôsse retirada da exibição a fita «Mata-Hari», daquela casa, com Greta Garbo e Ramon Novarro.

O tribunal de Rotterdam deu a questão a favor da «M-G-M», alegando que o filme nada tinha de injurioso para a famosa espia.



Um aspecto da inauguração de «Grand Hotel», da «M-G-M», no cinema «Empire», de Londres.

Lilian Harvey

A graça feita mulher. Uma flôr desabrochando entre lágrimas e dores

Estamos em fins de 1913. Numa das mais belas habitações dos arredores de Berlim, encontra-se tranqüila e placidamente, uma família cujo aspecto indica a sua elevada categoria social. Por uma das janelas escapam-se raios de luz que fazem brilhar a neve acumulada em cristais. Atravessa o jardim e espreito pela janela. O que surpreendo não pode ser mais encantador. Uma bela mulher faz «crochet», um homem, comodamente recostado num «maple» de couro, lê o jornal, e sentada no tapete que reveste o pavimento, uma petiza de cabelos loiros e olhos de um azul purissimo, brinca com as bonecas. Ilumina a cena uma luz vermelha que se desprende da lenha que com estalidos lamentosos arde no fogão.

* * *

Decorreram alguns, muitos meses. Passo de novo em frente da casa tranqüila e elegante. O seu aspecto mudara consideravelmente. O telhado fôra derubado e as paredes estão em ruínas. A neve também ocupa o jardim de outrora, mas a sua alvura é maculada por pisadas negras que a convertem num sudário de horror. Estalara a guerra. A grande guerra. A guerra que devia durar uns meses e que durou anos... Os homens, animados pelo patriotismo, convictos da vitória, saíram alegres, risonhos e satisfeitos. As bandas regimentais animavam-nos na marcha. Nas janelas bandeiras nacionais enchiam-os de alento. Os pais, as noivas e as esposas acreditavam no heroísmo dos seus. Mas das trincheiras chegam notícias pouco tranqüilizadoras. É necessário enviar mais homens de tôdas as idades. É preciso vencer o inimigo. E assim saem todos os dias e a tôdas as horas quantidades de desgraçados, vítimas de uma causa que desconhecem, que vão enfrentar-se com outros que se encontram em idénticas circunstâncias e que receberão uma morte desapidada e cruel. As bandas de música desapareceram. As bandeirinhas nacionais eclipsaram-se. E os vivos com que a multidão se despedia dos que partiam gelam em todos os lábios. Agora marcham tristes e temerosos, certos de encontrarem a morte. Só ficam as mães, as irmãs e as noivas, mulheres indefesas, e um ou outro ancião inútil. São os que choram, os que fogem dos bombardéios, os que rezam pelos que partiram.

Em outros países sucede o mesmo. Só os altos chefes promotores do cataclismo estão seguros em lugares onde não pôde atingi-los a morte.

Aquela criança de olhos azues, que brincava com as bonecas, mudou muito. Agora é uma mulherzinha taci-

turna que conserva no rosto sinais de sofrimento, de mal-estar, de intranquilidade... Trata, como as outras mulheres, os soldados que chegam estropiados. Anima os últimos momentos da sua terrível existência. Canta-lhes canções, ensaia bailados, distraindo assim tantos e tantos desgraçados.

É uma mulher feita, muito graciosa. É Lilian Harvey, uma inglezinha que as circunstâncias trouxeram para a Alemanha, onde passa o período trágico da guerra. Da grande guerra. É uma mulherzinha rodeada de mil perigos.

* * *

Passou o tempo desolador. Estamos em 1918. Lilian Harvey, já mulher feita, trabalha como bailarina. Também canta canções que provocam a admiração de todos e são a alegria de milhares de seres que veem nela um ídolo. Estas danças e estas canções aprendera-as durante os momentos de extermínio e horror dos povos que são bastante idiotas para se dizerem civilizados. Pouco tempo depois, um homem, um director cinematográfico que também serviu na guerra, e que teve a sorte de sair incolume de tanta barbaque, reparou nela. Era a mulher encantadora, a que seguramente seria uma estrela do «écran»! A única que poderia, com a sua frivolidade e a sua alegria, fazer-se o ídolo de todos os públicos do mundo. E Lilian Elen Muriel Harvey chegou aos estúdios cinematográficos da «Ufa». Ali se converteu rapidamente na menina querida e ami-

mada. O público soube apreciar o esforço, o valor da artista jovem e elegante que lhe mostrava a vida risinha e sem horrores, e concedeu-lhe o lugar de honra no seu coração. Lilian Harvey foi o orgulho do cinema europeu.

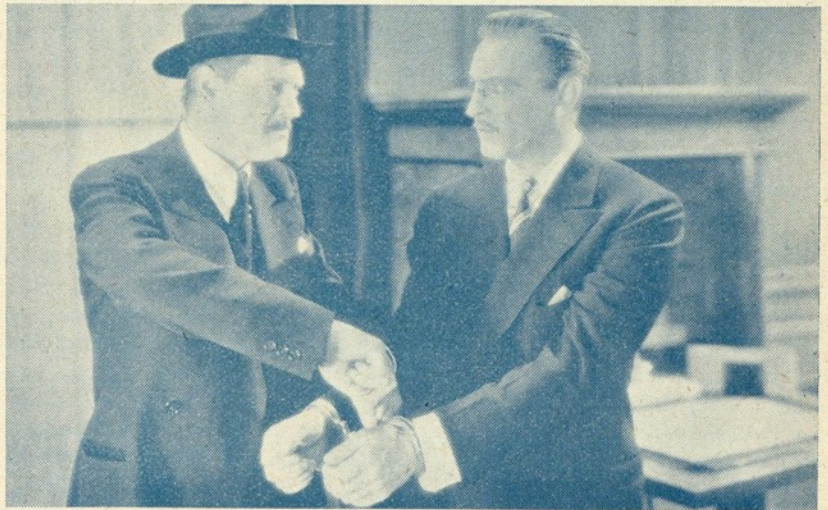
* * *

O ouro tem um poder fatal! ; Dólares!... ; muitos dólares!... Lilian Harvey deixa-nos, reduzida pela sua atracção invencível. E atrás dela, a ressoar pelos recantos da velha Europa, ficará o eco do seu triunfo, a apoteose a «Um sonho dourado», sua penúltima produção para a «Ufa».



Um grande êxito de «Deliciosa»

«Delicious» («Deliciosa»), a super-produção da «Fox» com Janet Gaynor, Charles Farrell, El Brendel e o novo actor-cantor brasileiro Raoul Roulien, depois do enorme êxito obtido na América, está sendo exibida no estrangeiro com o maior sucesso. Assim, estreou-se simultaneamente nos cinemas «Passage», da Haia, «Tuschinski», de Amsterdam, e «Grand», de Amsterdam, obtendo o melhor acolhimento do público. Também em Porto Alegre (Brasil), onde se estreou há dias no cinema «Imperial», «Deliciosa» foi exibida com invulgar êxito, tendo batido tôdos os *récords* daquele cinema.



Lionel Barrymore (o detective) prende o mano John Barrymore (Arsene Lupin) na super-produção da «M-G-M», falada em francês, «Arsene Lupin», notável criação dos dois excelentes artistas.



Norma Shearer, que tem andado tam afastada dos nossos cinéfilos, vai reaparecer brevemente num grande filme — "Uma Alma Livre" — ao lado de três grandes artistas — Lionel Barrymore, Clark Gable e Leslie Howard.

Os Imortais de Hollywood

Amanhã, quando Mary Pickford e Rodolfo Valentino não forem mais do que sombras no coração e na memória dos seus admiradores, a fama deles perdurará, porque as suas orgulhosas terras natais e os seus admiradores incondicionais encontraram uma infinidade de maneiras de perpetuar os nomes dos seus favoritos.

As futuras gerações olharão com assombro para os nomes de algumas ruas e não poderão imaginar porque é que os boulevards da cidade ostentam

nomes para eles desconhecidos. Provavelmente, poucos saberão que a avenida Pickford foi assim baptizada para comemorar o enorme amor que o mundo inteiro sentiu e sente ainda por Mary Pickford.

Mas ha outros casos, muitos. A Rua Dix, por exemplo, é o mudo testemunho da reputação de Richard Dix. Em Claremore, lugar do nascimento do alegre Will Rogers, ha um «boulevard» com o nome de «Rogers». E Ramon Novarro tambem tem uma rua

com o seu nome em Durango, sua terra natal.

Em Paris, um café de grande reputação chama-se Damita, em honra da trepidante Lili, e Brook Avenue, em Londres, immortaliza o nome de Clive Brook. Outras ruas em países europeus foram baptizadas com os nomes de Emil Jannings, Ernesto e David Torrente, Maureen O'Sullivan e Barry Norton, o que demonstra que a Europa também é galante com as suas «estrélas».

Duas notabilidades cinematográficas viram campos de aviação ostentando os seus nomes. Na Califórnia, o campo Beery é muito frequentado, e no coração de Kansas ha outro denominado Ragers, em honra de Charles Rogers, que nasceu no referido estado.

Gary Cooper foi mais longe ainda. Ha uma povoação que denominaram «Gary». Quando o povo de Sunnyside de Montana decidiu perpetuar o nome do seu filho adoptivo, crismando o lugar com o de Gary, o simpático vaqueiro teve de fazer uma viagem especial em avião para poder estar presente no dia da cerimónia. Foi elle próprio quem arrancou a inscrição que dizia Sunnyside, para colocar a que levava o seu primeiro nome. O rancho do conhecido actor fica situado a cinco milhas da referida povoação.

Muitas «estrélas» teem sido celebrizadas por músicos que puseram às suas composições predilectas os nomes delas. Claudette Colbert, Carole Lombard, Sue Carol, Betty Compson, Mary Pickford, Winne Gibson, Mary Brian e muitas outras estão neste caso. E escusado será dizer que sentem grande prazer com isso.

O «Dispensário Maurice Chevalier», de Paris, foi organizado e mantido durante muito tempo pelo gracioso astro francês. Hoje conta com muitos sócios que ocorrem às avultadas despesas do benéfico estabelecimento. Não obstante, é sempre o simpático Maurice que maiores somas dispende. Todos os anos organiza espectáculos em beneficio do dispensário, que está à disposição de todos os membros do teatro profissional europeu que tenham necessidade de assistência médica e não disponham de recursos.

Outra instituição importante é a que Marion Davies fundou em Sawtelle, um arrabalde de Los Angeles cujo clima é admirável para enfermos e pessoas



Brigitte Helm, em «Mandragora», uma das suas maiores criações no cinema silencioso. Vamos novamente vê-la na versão sonora da mesma película.

debeis. Tem uma serie de magníficos pavilhões, cada um dos quais se destina a uma aplicação diferente. E' tam completo e é dirigido por médicos tam distintos que pôde sem favor ser comparado aos melhores do mundo. Marion Davies construiu dois pavilhões para os orfãos da guerra. Um destinado às meninas, o outro aos meninos. Mas, com o tempo, foi-se entusiasmando pela sua obra e mandou construir mais dois, para velhos e velhas. Mais tarde, com a cooperação de outras personalidades cinematográficas e anizadas endinheiradas, conseguiu que se construíssem alguns mais a que deu diversas utilizações. E assim se completou a formidável instituição beneficente que hoje honra o seu nome. Marion organiza de vezes em quando bailes, tombolas e outras festas nas quais consegue reunir somas importantes, destinadas à manutenção da sua generosa obra de caridade.

Maurice Chevalier e Marion Davies pertencem portanto a uma outra espécie. Ao número daqueles que perpetuaram o seu nome por suas próprias mãos, legando à posteridade gloriosos padrões do seu altruismo.

A moda também celebra muitas estrélas. Há dois penteados que são conhecidos pelos nomes de artistas muito reputadas, e ambos eles prometem ter longa vida. Os penteados em questão são «Glorioso Bob» e «Greta Bob». Assim os denominaram em honra, respectivamente, de Gloria Swanson e de Greta Garbo.

O cabelo platinado Jean Harlow promete também fazer uma longa carreira, porque a mania de platinar o cabelo avassala as elegantes de todo o mundo, como uma doença contagiosa e incurável.

Há ainda flores varas e exóticas designadas pelos nomes de diversas estrélas do cinema. Entre as que recordo neste momento encontram-se a orquídea Frances Dee, que é branca como a neve, a dália Barbara Stanwyck, que obteve o primeiro prémio na exposição de Los Angeles, e a rosa Jeanette Mac Donald, cujo exquisito perfume se tornou conhecido em toda Hollywood. Clara Bow também foi honrada de modo semelhante. Uma rosa cor de sangue foi baptizada com o seu nome.

Os costureiros, as modistas de chapéus, os fabricantes de espingardas e os perfumistas, como os músicos, os cabeleireiros e os horticultores, também não resistem à febre que passa de dar às coisas os nomes das personagens do «écran». E assim succede que muitos modelos de trajos e de chapéus sejam conhecidos pelos nomes de vários artistas. Durante muitos anos os chapéus «à Madge Evans» tiveram muita reputação em toda a América. As espingardas Richard Ar-

A gente cá da revista, depois do que tem lido sobre «Deliciosa» e «Recem-Casados», anda cada vez mais Janet Gaynórfila. Andamos todos com vontade de publicar em todos os números as fotografias que aqui temos da nossa Janet, mas... não pode ser.

Apenas publicaremos, até ao fim do ano, aí uma dúzia de fotos da Janet Gaynor. Mais, não!...

len são muito cotadas entre todos os atradores da Califórnia, e os perfumes Norma Shearer, Kay Francis, Joan Crawford, Lilian Tashman, Alice White, Clara Bow e Dorothy Mackaill são preferidos pelas próprias «estrélas».

Mas o maior tributo que se tem prestado a um grande artista é talvez a organização Rodolfo Valentino Memorial Society, que se fundou depois da morte do chorado actor. O clube conta com numerosos sócios endinheirados que têm erigido na América e na Europa um número considerável de estátuas, situadas em lugares públicos, dedicadas à memória do malgrado Rodolfo, cujos incondicionais admiradores nunca esquecerão. Uma das referidas estátuas está erigida no parque De Lonkpre, próximo do coração de Hollywood, e são muitos os que ao passar por ela murmuram uma oração por alma daquele que foi em vida o primeiro galá do cinema.

GREGORY WILLIAMS.

(adaptação de XAVIER D'ATÃES).

Faleceu há dias em Hollywood a actriz Belle Bennett, especialista nos papeis de mãe.



É absolutamente compreensível que os actores de cinema, que vivem constantemente sob os olhos do público e que, a todas as horas do dia, são assaltados por admiradores, jornalistas, agentes de publicidade, emissários dos estúdios, etc., tenham sede de solidão. E' vulgar vê-los procurar um refúgio onde, longe dos olhares indiscretos, possam viver à sua vontade, sem terem de temer as críticas mais ou menos acerbas de todos os que invejam a sua popularidade.

Este esconderijo pode ser um «chalet» aninhado numa baixa da montanha, um «appartement» anónimo perdido no centro da cidade, ou um pequeno iate ancorado na costa de Catalina. Mas todos têm um recanto onde se abrigam, onde se ocultam, onde vão, de tempos a tempos, desejosos de fugir à multidão.

O «reporter» mais resolutivo e hábil nem sempre consegue descobrir estes asilos ferozmente defendidos, e que, convém notar-se, são tam abundantes como diversos.

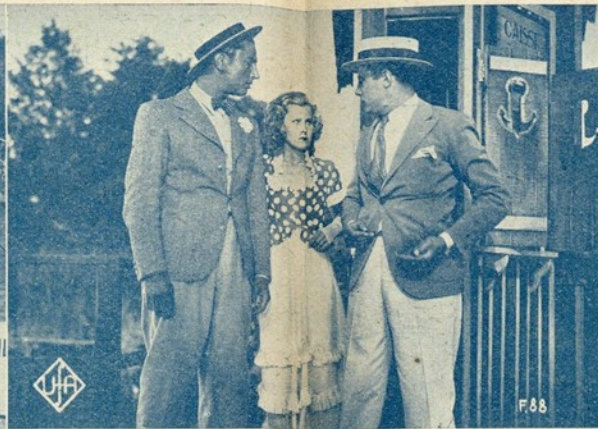
Os gostos de cada personagem operam uma primeira classificação. Uns adoram o deserto, outros a neve; muitos exigem a mais absoluta solidão, enquanto que outros ainda não se ocultam senão para mais livremente se divertirem. As indiscrições são, portanto, muito limitadas.

Wallace Beery proporciona-se o prazer de viver na água com absoluta segurança, para o que adquiriu uma ilha no lago Silner. A ilha era deserta, o lago inacessível, Wallace Beery faz a travessia de avião e passa naquele local isolado do mundo os mais deliciosos momentos da sua vida, acompanhado da esposa e da pequena Carol Ann, sua filha adoptiva, uma encantadora criança de dois anos. Até hoje, nunca o foram importunar no seu isolamento.

Janet Gaynor, que nesta época veremos em «Deliciosa», gosta da solidão amena. Comprou uma pequena propriedade em Honolulu, onde passa horas à sombra das palmeiras, sem recar os indiscretos.

Gary Cooper é proprietário de um rancho no Estado de Montana, um rancho que nenhuma linha de caminho de ferro serve e onde não se pode ir facilmente, a não ser em avião. Caça, pesca e monta a cavalo com toda a segurança. Ali mandou preparar um enorme campo de aviação cuja existência só conhecem alguns amigos íntimos que são sempre bem recebidos.

Richard Dix possui um «chalet» na montanha, mas ninguém sabe a sua situação exacta. Quando lha perguntam, sorri e muda de conversa. Mas o certo é que, de tempos a tempos, e mais frequentemente desde que casou, desaparece por algum tempo, e quando volta ao estúdio vem bronzeado, cheio de vida, trazendo uma larga provisão de frutas, que oferece aos seus companheiros, o que permite supor que o seu refúgio se encontra nas proximidades de qualquer torrente montanhosa.



Lillian Harvey, Henry Garat e Pierre Brasseur em "Um Sonho Dourado", a super-produção Erich Pommer para a "Ufa", cantada e falada em francês, que todos estamos esperando.

Refúgios de "estrelas"

Reginald Denny é outro grande apaixonado da montanha. Mandou construir em San Bernardino um pequeno «chalet» rústico, onde passa com igual prazer os quentes dias de verão e os rigores do inverno.

George Bancroft prefere o deserto às montanhas. A' doçura verdejante dos vales, às torrentes que rolam sobre o leito rochoso com um ruído fresco e monótono, prefere a vastidão pedregosa, queimada pelo sol e pelo vento, a magnífica e grandiosa desolação do deserto. Para satisfazer este gosto e realizar um sonho longamente acariciado, mandou construir uma casa em Palm Springs, à margem do deserto. Não é ele o único actor que vai a Palm Springs, mas é ele um dos poucos que lá possuem um palmo de terra.

William Powell acha que a única forma de se assegurar um refúgio inviolável é alugar um «appartement» no coração da cidade, sob um nome suposto. E é o que faz. Para lá se dirige quando o assalta a ansia de isolamento. Veste nessas ocasiões um velho traje, capaz de tentar Charlot, desaba sobre os olhos um chapéu de feltro usado, que esqueceu a sua cor e forma primitivas, e uma vez dentro do covil, o «terrível vilão» não sai mais. Lê, fuma cachimbo e cozinha. Não sabemos, porém, se continua a manter estes hábitos desde que casou, pois é natural que Carole Lombard, sua fulgurante esposa, não se preste a este género de distrações.

Nem todos os «apparements» têm uma aplicação tam inocente. Conheço um que pertence a um director muito popular, cujo nome não revelarei, e que servia apenas para nele se celebrarem as mais ruidosas festas. Alguns privilegiados, homens e mulheres, eram convidados para estas soirées, que se prolongavam pela noite dentro e às quais presidia uma franca alegria. Mas

a mulher do director em questão, suspeitando havia tempos de qualquer coisa, acabou por descobrir a direcção do inconstante e a data da primeira soirée que devia realizar-se.

No dia marcado, o imprudente desculpou-se junto da mulher, pretextando um trabalho urgente que devia retê-lo no estúdio. Ela sorriu graciosamente, aceitando a mentira, mas, quando anoiteceu, vestiu o traje mais audacioso que possuía, telefonou a um amigo e foi, em sua companhia, à direcção indicada.

Deixo-vos o trabalho de adivinhar a impressão de terror e de surpresa que se pintou no rosto do infiel, quando, acorrendo ao toque da campainha, se encontrou diante da mulher.

— Não é gentil da tua parte teres uma habitação encantadora e realizares tam esplendorosas festas sem me con-

vidar, — exclamou ela com um sorriso aliciador.

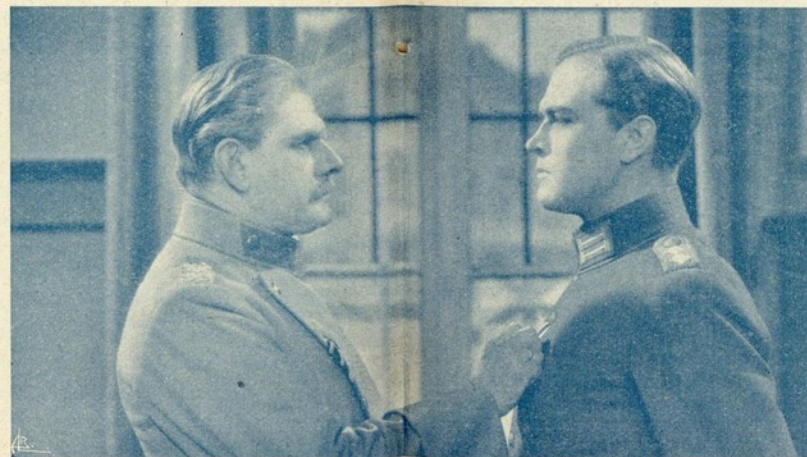
— E' que... comprehendes... minha querida...

— Não te embrenhes em explicações e dá-me um cocktaill. Vim para me divertir!

A intrusa demonstrou tanta alegria, tanto bom humor e tal entusiasmo, que, ao lado dela, todas as outras mulheres pareciam mortalmente aborrecidas.

Mas, no dia seguinte, o marido abandonava o campo. Os barcos continuavam sendo os grandes favoritos. Barcos luxuosos como o «Paradis», de Cecil de Mille, ou «A Infanta», de Barrymore, ou simples veleiros como o iate de Charles Farrell, que o próprio actor manobra sózinho. Desta última espécie são também os iates de Richard Barthelmess, Lewis Stone, Neil Hamilton, Richard Arlen.

"Sob uma falsa bandeira" é um filme de acção, forte, movimentado, um filme da melhor técnica alemã. Mostra-nos todos os segredos da alta espionagem, num enredo absolutamente novo, sugestivo, impressionante.



Griffith, por Laguna Beach, uma pequena praia rochosa apreciada pelos artistas, onde Ramon se entrega ao seu desporto favorito: a pesca. E conheço um casal que, à falta de meios para adquirir um refúgio, encontra maneira de se proporcionar uma tranquilidade relativa fechando a frente da sua casa e encerrando-se nas traseiras. Quando um toque de campainha vem perturbá-los, o silêncio impressionante que se segue desencoraja prontamente o indesejado visitante.

Mas quem melhor soube assegurar a sua tranquilidade foi Greta Garbo. A sua grande casa de Santa Monica tem três entradas, e conseqüentemente, ... outras tantas saídas. Isto quer dizer que o visitante tem de ser esperto e malicioso para conseguir encontrar a mais selvagem de todas as «estrélas».

GENOVA.

"O Carro de Sua Majestade"

Como noticiamos no último número, John Boles, o conhecido e apreciado actor cantor, intérprete de «Rio Rita», «A Marselhesa», «A Canção do Deserto», etc., será o galã de Lillian Harvey na fita «His Majesty's Car», a primeira produção para a «Fox», na qual o popular cómico El Brendel terá um papel importante.

«His Majesty's Car» é da autoria do escritor húngaro Attila von Orbok e foi representada pela primeira vez no Teatro Ethel Barrymore, de Nova-York, em 23 de outubro de 1930.

Alfred Santell, um dos melhores realizadores americanos, dirigirá Lillian Harvey em «His Majesty's Car», cuja adaptação ao cinema será feita pelo famoso cenarista Hans Kraly.

Um filme de Henry Barbusse

O conhecido escritor francês Henry Barbusse fechou contrato com uma casa soviética para escrever o argumento dum filme que será feito na Rússia, com o título «De Homem para Homem».

Nesta semana fazem anos:

12 a 18 de Novembro

- Nov. 12 — Jack Oakie (29).
- 12 — Gwen Lee (28).
- 13 — Gertrude Olmstead (28).
- 14 — Eugene O'Brien (44).
- 15 — Lewis Stone (53).
- 16 — Lawrence Tibbett.
- 17 — Betty Bronson (26).
- 17 — Edna Murphy (28).
- 18 — Eugenie Gilbert.

O que as grandes

MARCAS E TÍTULOS	REALIZADORES	INTÉRPRETES	STUDIOS
AAFA «Kaiserwalzer»	Friedrich Zelnick	Martha Eggerth e Fritz Kampers	Ufa-Tempelhof
COLUMBIA «No More Orchids»	Walter Lang	Carole Lombard e Walter Connolly	Hollywood
«Reckless Romance»	George Seitz	Buck Jones e Shirley Grey	Hollywood
FOX «Walking Down Broadway»	Erich von Stroheim	James Dunn e Boots Mallory	Hollywood
«Tess of the Storm Country»	Alfred Santell	Janet Gaynor e Charles Farrell	Hollywood
«Pier 13»	Raoul Walsh	Spencer Tracy e Joan Bennett	Hollywood
«Call Her Savage»	John F. Dillon	Clara Bow e Gilbert Roland	Hollywood
«Rebber's Roost»	Louis King	George O'Brien e Maureen O'Sullivan	Hollywood
«Second Hand Wife»	Hamilton McFadden	Sally Eilers e Ralph Bellamy	Hollywood
«Cavalcade»	Frank Lloyd	Clive Brook e Diana Wynyard	Hollywood
«State Fair»	Henry King	Phillips Holmes e Louise Dresser	Hollywood
M-G-M «Rasputin»	Richard Boleslavsky	John, Lionel e Ethel Barrymore	Culver City
«The Mask of Fu Manchu»	Charles Brabin	Boris Karloff, Gertrude Michael	Culver City
«Red Dust»	Victor Fleming	Clark Gable e Jean Harlow	Culver City
«Flesh»	John Ford	Wallace Beery e Karen Morley	Culver City
«Let's Go»	Harry Polard	William Haines e Madge Evans	Culver City
NERO «Das Testament des Dr. Mabuse»	Fritz Lang	Rudolf Klein-Rogge e Vera Lissen	Staaken
PROJECTOGRAPH «Zweimal Liebe»	Fritz Kortner	Dolly Haas e Willy Forst	Efa

Correspondência

ALBERTO BARRADAS: — «Fantomas» apareceu, sim, em versão silenciosa, em episódios, há mais duma dúzia de anos, e era seu protagonista René Navarre. Segundo as notícias que tenho, quando Greta Garbo saiu de Hollywood com destino à Suécia, já levava no bolso a renovação do seu contrato com a «M-G-M». Estou quasi certo de que a popular «estrela» regressará à América dentro de pouco tempo. Diga aí à cinéfila sua amiga, que Joan Crawford ainda não é mamã. Não senhor, «Mulheres de Todas as Nações» não é o primeiro fonofilmado de Edmund Lowe. Fez muitos, antes desse: «Cock-Eyed World», «This Tinch Called Love», «Painted Angel», «Happy Days», «The Bad One», «Good Intentions», «Scotland Yard», «Part Time Wife», «Men on Call», etc., etc. Destes, foram exibidos em Portugal o primeiro («O Mundo às Avesas»), o terceiro

(«O Anjo Pintado») e o quarto («Dias Felizes»). Afinal não invejo a sorte do Willy Fritsch, porque parece-me que ele não vai para a América com a Lilian. Quem vai é o Garat! Por isso, em vez de lhe invejar a sorte, lastimo-o!

JOAQUIM DA SILVA: — A direcção da Marlene é exactamente a que indica, mas convém acrescentar: Paramount Studios. Não senhor, «Douro, Faina Fluvial» não foi estreado no Porto, nem me parece que o seja. O Mendes é muito modesto, o Oliveira é teimoso!... Estamos fazendo o possível para que «Cinema» seja publicada em dia, o que calculo daqui por dois números. Em todo o caso, passará a sair aos domingos. Para que lhe seja franco, também não simpatizo muito com a capa! Mas a gente vai variando; o que não pode ser é com muita frequência! Só escrevendo para a administração poderá saber se ha o n.º 3.

GAYNORFILO: — Ai vão os títulos dos fonofilmes interpretados por Janet Gaynor: «Christina», «Lucky Star», «Sonho Cor de Rosa», «Dias Felizes», «Alta Sociedade», «O Papá das Pernas Altas», «Merely Mary Ann», «Deliciosa» e «Recem-Casados». Estas duas últimas serão exibidas em Portugal esta temporada.

CRAVO ROXO: — Não será estreada esta época nenhuma nova fita de Charlot, pela simples razão de que ele ainda não assentou no argumento que há-de interpretar.

MARIA CACHUCHA: — O director vai enviar-lhe o catálogo para a direcção que agora indicou. Estamos de acordo que a produção europeia (alguma produção europeia) tem um nível artistico superior à americana, e vejo com satisfação que não esquece as lições que deram David Griffith, Cecil De Mille, etc. Quanto à falta de uma «Morte Causada», «Nibelungos» ou

casas estão produzindo

MARCAS E TÍTULOS	REALIZADORES	INTÉRPRETES	STUDIOS
RADIO «Kong»	Ernest B. Schoedsack e Merian C. Cooper	Fay Wray e Robert Armstrong	Culver City e «Location»
«Man and Wife»	J. Walter Ruben	Irene Dunne e Charles Bickford	Culver City
«Phantom Fame»	Gregory La Cava	Lee Tracy e Lupe Velez	Culver City
«Goldie»	Mal St. Clair	Lily Damita e Charles Morton	Culver City
UFA «F. P. 1 antwortet nicht»	Hartl	Paul Hartmann e Hans Albers	Neu-Babelsberg
«Das Vermächtnis der Marquils von S.»	Friedrich Hollaender	Lillian Harvey e Conrad Veldt	Neu-Babelsberg
«Morgenrot»	Gustav Ucicky	Rudolf Forster e Camilla Spira	Neu-Babelsberg
«Champagnerkrieg»	Ophuels	Lien Deyers e Heinz Ruehamnn	Neu Babelsberg
UNIVERSAL «S. O. S. Iceberg»	Dr. Arnold Fanck	Gibson Rowland e Leni Riefenstahl	Universal City
«Im Ho-Tep»	Karl Freund	Boris Karloff e Zita Johann	Universal City
«Oh, Promise Me»	Art Rosson	Tom Mix	Universal City
UNIVERSAL (alemã) «Die Unsichtbare Front»	Richard Eichberg	Trude von Molo	Jofa
«Die Feuer rufen»	Kurt Bernhard	Luis Trenker e Lulse Ulrich	Jofa
WARNER-FIRST «Lawyer Man»	Wilhelm Dieterle	William Powell e Joan Blondell	Burbank
«Employees' Entrance»	Roy Del Ruth	Loretta Young e Warren William	Burbank
«Parachute»	Al Green	Douglas Fairbanks Jr. e Bette Davis	Burbank
«The Wax Museum»	Michael Curtiz	Lionel Atwill e Glenda Farrell	Burbank
«Common Ground»	William Wellman	Ruth Chatterton e Pat O'Malley	Burbank

«Metropolis», essa é que não a vejo. Então não viu «Através da Tempestade», com Lilian Gish, de Griffith? Não viu «Os 10 Mandamentos», de De Mille? Não viu «A Multidão», de King Vidor? Também está enganado no que respeita ao público. O facto de ele ter seguido com interesse a excelente fita que indica, é porque essa é das poucas que conjugam a parte comercial com a parte artistica. Diga-me o successo que fez aí em Coimbra a obra-prima que é «A Tragédia da Mina»! Felizmente vai-se avolumando o grupo de espectadores de bom cinema, mas esse volume é uma gota de água no oceano do público que faz «massa», que constitui a grande maioria. E' triste, mas é verdade!

CINÉFILO ROMANTICO: — Ai! 1.ª — Anita Page é solteirissima da costa. Quanto a pretendentes, deve tê-los aos milheiros. Mas dizem os papás Pomares que a sua Anita é ainda muito nova. 2.ª — Veja se arranja selos

americanos na importância de 25 cents. 3.ª — Além de «Pamplinas Milionário», parece-me que não verá esta temporada nenhum outro filme de Anita Page. Os meus sentimentos.

M. PERALTA: — Parece-me que o director tem postais de Elissa Landi, mas não posso dizer-lho ao certo, no momento em que escrevo. E está aqui o rapaz da tipografia à espera do original para a «Correspondência». De Elissa Landi, verá este ano «O Passaporte Maldito». Se não acho que vamos tendo cinemas de mais para o público do Porto? Pois quem é cu: não acha? De caminho, é um para cada espectador!

DOIDO SÓ POR ELA: — Se a sua Pepe conhece o Mamoulian e o Fritz Lang, se gosta da vida ao ar livre, se tem a expressão ingénua duma Janet Gaynor, os olhos luminosos de Anita Page, a linha elegante da Joan Crawford, se encerra os encantos de todas

as estrelas de cinema, então, não hesite: endoideça só por ela! E se ela, ainda por cima, tiver o pé de meia do Charlot, ou o rendimento do Harold, então, faça esta coisa sublime: apresente-ma!

EU SEI TUDO.

A «Philipps» vai fazer fitas

Segundo notícias de Amsterdam, a casa «Philipps», de sociedade com W. Tuschinsky, director dum grande circuito de cinemas, vai dedicar-se à produção de filmes.

Pelos nossas Cinemas

LAUREL E HARDY A FERROS: — Os nossos dois amigos, o Bucha e o Estica, aparecem-nos numa nova farsa falada em espanhol, que os programas anunciam como uma paródia ao filme «O Presídio». Presos por cervejeiros, os dois inseparáveis lá vão parar à prisão onde, em cenas muitas vezes semelhantes às daquele filme, teem ocasião de dar largas à sua comicidade. Atravessam muitas situações embaraçosas, das quais não é o menos culpado um dente «que zumbe» e que se farta de pregar partidas ao dono, o desgraçado Laurel.

Mas afinal tudo acaba bem, sendo as duas vítimas do dente *que zumbe* postas em liberdade com as maiores deferências da parte do director da prisão, cuja filha salvaram das chamas.

Filme feito com o único fim de fazer rir, consegue-o com frequência. Algumas canções, em que toma parte o Hardy com a sua «Lady Monn» que me agradou.

E... é tudo.

Produzida pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda». Estreada no Olympia em 2 Novembro 1932.

M A R I A I L D A

QUE RAPAZ ENCANTADOR! (Il Est Charmant): — Esta é a melhor coisa até hoje saída dos estúdios franceses da «Paramount», e, com franqueza, estava longe de pensar que o sr. Louis Mercanton fôsse capaz de realizar uma fita com as qualidades de «Que rapaz encantador!».

Não quere isto dizer que se trate duma obra-prima de cinema. Longe disso! Muito longe, até! Mas, se não tem quaisquer merecimentos cinematícos; se se apresenta com o abuso declarado e acentuado da cantoria, de



tal modo que os diálogos são substituídos, na sua maior parte, por tiradas poéticas de longo curso, e, portanto, a película foge ao ritmo que poderia apresentar na sua condução, para atender ao ritmo das composições líricas;

se vários quadros perdem o valor da originalidade que os tornaria recomendáveis, porque já foram mais ou menos vistos em anteriores filmes operetas, o que é facto é que possui também dotes de apreço, qualidades que estão muito de harmonia com as exigências do público — do público que não é muito exigente...

«Que rapaz encantador!» é um filme-boémio, um filme-bom humor, um filme que nos põe bem dispostos, que nos desperta o apetite de atirar com as tristezas para detrás das costas e folgar e rir, sem preocupações nem cuidados, sem querer saber do dia de amanhã...

Louis Mercanton, se forçou, como digo, a condução do entreccho com a insistência musical e poética, soube manter, de principio a fim, o mesmo nível de despreocupação, de alegria, a ultrapassar os limites da fantasia para entrar no campo do disparate, do disparate que não merece grande censura numa obra que visa unicamente a distrair o espectador.

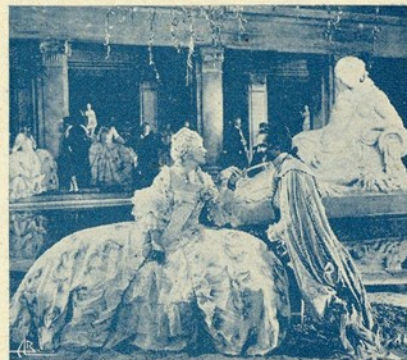
E consegue-o. Situações particularmente felizes, como a do exame de direito, a conversa na sala dos bustos, o diálogo de Meg Lemonnier, em frente ao espelho, a dança *biguine*, na *soirée* em Riom, etc.; o desempenho de Henry Garat, que continua sendo um dos ídolos das nossas plateias, e que tem sobre si, nesta fita, a maior responsabilidade da interpretação, de que se sai vantajosamente; o grupo dos restantes intérpretes, à frente do qual o rosto lindo de Meg Lemonnier e o corpo escultural de Moussia, tudo se reúne para dar a «Que Rapaz Encantador!» — uma fita que nada nos ensina, que de bom cinema nada tem — as características duma fita comercial, *public, très public*, como diria qualquer camarada francês.

Autor: Albert Willemetz. Fotógrafo: Stradling. Autor musical: Raoul Moretti. Realizador: Louis Mercanton. Intérpretes: Jacques d'Ombreval, Henry Garat; Jacqueline, Meg L'annonier; Poitou, Baron Fils; O groom: Jean Mercanton; O ajudante de notário, Dram. Outros intérpretes: Moussia, Suzette O'Nil, Nicole Rey, Jean Granier.

Produzida em 1931 pela «Paramount» (France). Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Aguia d'Ouro» em 7 Novembro 1932.

CONCERTO REAL EM SANS SOUCI (Der Floettenkonzert von Sanssouci): — Um filme destinado ao público alemão, a algum público alemão. Se o episódio histórico poderia interessar ao espectador em geral, desde que o houvessem passado ao cinema com o saber que em filmes do género nos teem demonstrado alguns realizadores, e desde que tivesse sido possível cenarizá-lo nas condições exigidas pelas obras cinegráficas (o que não me parece, a dentro dos limites apertados dos motivos secundários, que são quá-

si nulos, como que deixando propositalmente, erradamente, ao concerto de flauta, como demonstração do temperamento calmo e previdente de Frederico II, a razão básica e quasi única do entreccho) tal não sucede, porém,



com esta anedota histórica, que é uma infundável sucessão de diálogos, que não tem o mais pequeno vislumbre de movimento cinematíco.

«O Concerto Real em Sans Souci» apenas ilude a vista com a riqueza da guarda-roupa, das decorações, com o cuidado que se observou de fazer uma rigorosa evocação da época. Mas isso, nem tampouco o bom desempenho de Otto Gebuehr, Renate Mueller e Hans Rehmann nos principais papeis, não é suficiente para dar ao filme a categoria de produção artística, e muito menos de película com qualquer interesse para a bilheteira.

Autor: Walter Reisch. Fotógrafo: Karl Hoffmann. Director de som: Hermann Fritzsching. Autor musical: Schmidt-Gentner. Decoradores: Robert Herlth e Walter Roehrig. Realizador: Gustav Ucicky. Intérpretes: Frederico II, Otto Gebuehr; Major Lindeneck, Hans Rehmann; Sua esposa, Renate Mueller; Conde Bruehl, Raoul Aslan; Maltzbn, Walter Janssen. Outros intérpretes: Hans Brausewetter e Margarete Schoen.

Produzida em 1930 pela Ufa (Guenther Stepenhorst). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «São João» em 7 Novembro 1932.

PAMPLINAS MILIONÁRIO (Side-walks Of New-York): — Buster Keaton é um cómico consagrado. Dos melhores que o cinema nos tem dado, dos que conseguiram marcar uma posição destacante na difícil arte de fazer rir. Mas com processos de boa imaginação, cujos resultados não se apagam com facilidade da mente do espectador. Um trambolhão qualquer, faz rir; cinco minutos depois, porém, ninguém se lembra mais de tal peripécia, banalisima nos cómicos de categoria inferior.

Mas o trambolhão de Buster Keaton em «Pamplinas Milionário», depois de, muito satisfeito, afirmar «agora nada há



Norma Shearer, uma das mais lindas e das mais talentosas atrizes americanas, vai aparecer brevemente numa grande fita: "Uma Alma Livre", com Clark Gable, Leslie Howard e Lionel Barrymore. Convém acrescentar que a interpretação de Lionel Barrymore nesta fita, valeu-lhe o ser premiado pela Academia Americana, recebendo a estatueta de ouro pela "melhor interpretação de 1931".

que me possa fazer mal», é uma situação tratada com inteligência e cujo efeito cômico, pelo contraste entre o pensamento e a acção, é de resultado seguro e não se esquece mais. E assim em quasi todo o filme, em quasi todos os filmes de Buster Keaton, que são os que mais se aproximam da escola chaplinesca.

Se é impossível, como já por várias vezes tenho dito, que uma fita cômica de grande metragem mantenha o espectador em permanente gargalhada, da



primeira à última bobina, porque, como é facilmente compreensível, é necessário formar as sequências hilariantes, que tem que ser ligadas por quadros de preparação, «Pamplinas Milionário» é, no entanto, das que com mais frequência provocam as gargalhadas do espectador.

Ao lado de Buster Keaton, a encantadora Anita Page e o engraçado Cliff Edwards, que agora parece parte indispensável das fitas da «M-G-M»...

«Pamplinas Milionário» é uma excelente produção cômica, recomendável para todas as plateias.

Autores: George Landy e Paul Gerard Smith. Cenaristas: Os mesmos. Fotografia: Leonard Smith. Realizadores: Jules White e Zion Myers. Interpretes: O Milionário Harmon, Buster Keaton; O Secretário, Cliff Edwards; Margie, Anita Page; Seu Irmão Clipper, Norman Phillips Jr.; Butch, Frank Rowan; O Juiz, Oscar Apfel; Sargento, Frank La Rue.

Produzida em 1931 pela Metro Goldwyn-Mayer. Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, L.da. Estreada no «Trindade» em 8 de Novembro de 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

OS NOSSOS BONUS

Os leitores de «Cinema» têm o desconto de 50% nos seguintes espectáculos:

TRINDADE

Matinées às quintas e sábados

BATALHA

Matinées às quintas, sábados e domingos (aos domingos só na primeira matinée)

OLYMPIA

Matinées às quintas e sábados

Dentro e Fora dos Estudios

Clarence Brown, o realizador de «Fascinação», está dirigindo «The Son-
Daughter», para a «M-G-M», com Helen Hayes, a grande intérprete de «O Pecado de Madelon Claudet», que veremos brevemente, e Ramon Novarro, Lewis Stone, Warner Oland e H. B. Warner.

Marguerite Moreno interpretará o papel da Thénardier, em «Os Miseráveis», que Raymond Bernard vai realizar para a «Pathé-Natan». Charles Vanel e Henry Bour fazem parte da interpretação, que não está ainda definitivamente fixada.

Betty Amann, a actriz cuja morte foi há tempos anunciada, mas pouco depois desmentida, vai interpretar para a casa inglesa «B. I. P. a fita «Daughter of To-Day» («Filha Moderna»).

As duas obras de Paul de Kock «La Pucelle de Belleville» e «Gustav le mauvais sujet» vão ser levadas ao cinema por uma firma francesa.

Brigitte Helm, que veremos esta época em «Mandrágora», terminou há pouco «Viagem de Nupcias», com Albert Préjean, Jacqueline Made e Pierre Brasseur.

O «Aubert-Palace», de Paris, tem batido todos os records de receitas com «Um Sonho Dourado», de Lilian

Harvey, Henry Garat e Pierre Brasseur.

Karen Morley, que veremos em «Arsene Lupin», ao lado de John e Lionel Barrymore, está interpretando «Flesh» («Carne»), com Wallace Beery e Ricardo Cortez, sob a direcção de John Ford, para a «M-G-M».

Charlotte Susa, a linda actriz alenã que veremos na próxima semana em «Sob uma Falsa Bandeira», e que agora está em Culver City, contratada pela «M-G-M», foi estudante de medicina e de direito, estudos que abandonou para entrar no teatro, convidada por Max Reihardt.

«A Mulher dos Gansos», que há anos vimos como filme silencioso, com Louise Dresser e Jack Pickford, vai ser levada ao sonoro pela «RKO», não se sabendo ainda quem serão os protagonistas.

Adolphe Menjou e Kathryn Carver, casados desde 1928, acabam de se divorciar.

Jesse Lasky já se encontra em Hollywood, preparando a sua primeira fita depois que saiu da «Paramount». Levará provavelmente o título «Zoo in Budapeste» e será distribuída pela



Gustav Froelich e Charlotte Susa tem dois magníficos papéis em «Sob uma falsa bandeira», um filme de espionagem, diferente de todos os filmes de espionagem até hoje apresentados.

Vocês conhecem mal a Charlotte Susa! Quando virem «Sob uma falsa bandeira», muito «Susófilo» vai haver!...

Na capa: — Charlotte Susa, principal protagonista do filme «Sob uma falsa bandeira».

Redactores:
João Santos
& Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bom Jardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00. Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem., 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e Imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

«Fox», com quem fechou contrato para a distribuição de 8 fitas.

O realizador alemão Joe May está fazendo os preparativos para um novo filme que vai dirigir com o grande tenor Jan Kiepura, e cujo titulo ainda se desconhece. Jenny Jugo sera a primeira actriz.

Superstições de «vedetas»

O trevo de quatro folhas e a ferradura não são as únicas coisas em que as artistas acreditam como portadoras da felicidade.

Norma Shearer, por exemplo, quando vai interpretar um filme, pare ser feliz na sua actuação, quere que uma orquestra toque selecções de Mozart nos intervalos das cenas. E Wallace Beery, o colossal Wallace, guarda religiosamente um velho chapéu de feltro dos seus tempos de rapaz, que considera como um talisman.

Para perpetuar uma tradição de seu tio, o célebre actor John Drew, John, Lionel e Ethel Barrymore reuniram-se em volta de uma maçã vermelha antes de começarem a sua actuação em «Rapustin».

Sempre que dá inicio a um novo filme, Joan Crawford faz-se acompanhar ao estúdio por seu marido, Douglas Fairbanks Junior, a fim de que este lhe deseje boa sorte. Buster Keaton tem a mania de passear em volta do estúdio com os diversos trajos que ha-de usar do decorrer do filme. Clark Gable só enfrenta a câmara depois de dar um longo passeio a cavallo. E, finalmente, Jimmy Durante fuma, antes de cada cena, um enorme charuto. Este, porém, não nos parece que o faça por simples superstição.

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

TERÇA-FEIRA, 15 — SENSACIONAL PROGRAMA

Ricardito Lobo do Mar

com o célebre actor-alleia RICHARD TALMADGE

Anny Fax Tudo

com os Impagáveis artistas ANNY ONDRA e SIEGFRIED ARNO

PREÇOS POPULARES

Matinéas às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o melhor receptor é o

MENDE

Sonora — Radio

Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

N.º 34

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

Na «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 17 e 19 de Nov.
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 17 e 19 de Nov.
BATALHA — Matinéas de Quinta, Sabado e Domingo (1.ª), 17, 19 e 20.
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 19 de Novembro.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: Pista, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

Castelo Lopes, L.^{da}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresenta na segunda-feira, 14,
no Cinema

AGUIA D'OURO

"UM HOMEM DE NEGOCIOS"

com DOUGLAS FAIRBANKS
e BEBE DANIELS

Uma super-produção da
"United Artists"